

UMA EXPERIÊNCIA DE PASTORAL PAROQUIAL

Pe. Luiz Prim
Pároco da Coloninha, Florianópolis

1. INTRODUZINDO...

O presente trabalho se propõe a tentar descrever "UMA" experiência paroquial de pastoral, partilhando os avanços, as dificuldades, as emoções, as dores e as alegrias de uma comunidade que se pôs a caminhar.

A Palavra de Deus nos mostra que nossa presença neste mundo é transitória, fugaz, passageira. "O tempo se faz curto" (1Cor 7,29), nos alerta o Apóstolo Paulo. Este alerta comporta e exige uma atitude de vida naqueles que se dispõem a viver em comunidade, na alegre tensão da espera confiante e antecipação da "cidade que está para vir" (Heb 13,14).

Certamente o mais angustiante desafio à missão da Igreja, hoje, é o de torná-la verdadeiro sinal de salvação, na comunhão e participação. Crendo e vivendo a proposta de Jesus Cristo, a comunidade dos fiéis dispõe-se a ser toda ela ministerial. Da verdade de que a ação da Igreja acontece na base, decorre a necessidade do surgimento de uma forma capaz de permitir que a base seja Igreja. Hoje observamos com facilidade que a organização da paróquia, tal como a conhecemos, é sempre uma decorrência do conceito que os pastores ou o povo fazem de Igreja e de pastoral.

Parece evidente, a partir do nosso jeito de sermos Igreja hoje, a necessidade urgente de renovação da Igreja a partir de si mesma. E, na base do ser Igreja, está a estrutura da paróquia como centro irradiador, coordenador e de assessoria dos grupos que vão surgindo na caminhada da comunidade.

O que será apresentado neste trabalho é fruto da experiência de uma comunidade paroquial ainda nova. É, portanto, opinião baseada na nossa experiência de comunidade, que deverá ser julgada pelos resultados alcançados. Não nos preocupa o que se possa pensar do nosso trabalho. Buscamos novos caminhos, sem esquecer o passado, nem absolutizando experiências recentes. Na fidelidade ao Evangelho, procuramos um mundo novo, uma Igreja em contínua conversão e reflexão sobre si mesma.

É difícil escrever e contar fielmente uma experiência paroquial, exatamente por ser "UMA" experiência. Quantas outras experiências há, certamente mais significativas que a nossa. Creio que o maior mérito deste artigo vá residir na discussão que ele poderá provocar, levando à frente um tipo de trabalho hoje necessário para renovar a Igreja. Se esta experiência servir para despertar alguém, abrir caminhos, criar novas idéias, modificar nossas opiniões e atitudes, terá alcançado e compensado seu objetivo.

Para que se possa entender o que aqui vai escrito é necessário que se esclareçam alguns conceitos, como o que entendemos por paróquia e pastoral. Como já afirmamos, o panorama, a configuração das atividades de nossas paróquias e sua prática pastoral, é decorrência natural do conceito que delas se faz.

Os vários modelos de paróquia, surgidos nos últimos 20 anos, não refletem apenas uma especulação prática

2. O QUE É PARÓQUIA?

Tentando responder a este questionamento, nos reportamos à obra do Pe. Elias Della Giustina, "A Paróquia Renovada"⁽¹⁾. Escrevendo sobre a estrutura da paróquia e propondo "uma reflexão histórico-teológica da organização paroquial", o autor afirma: "A forte tendência pastoral participativa e o endereço" que toma hoje a pastoral paroquial têm seus fundamentos não só teológicos mas também históricos. Os vários modelos de paróquia, surgidos nos últimos 20 anos, não refletem apenas uma especulação prática e resposta ao desejo democrático com sua vida comunitária, mas principalmente, representam consciência social e coletiva de um passado que cerceou a liberdade, a responsabilidade, a comunhão e a participação do fiel como membro ativo do Povo de Deus"⁽²⁾.

O termo paróquia, etimologicamente, vem do grego e significa habitar junto. Paroquiar significa, portanto, o ato de estar junto a alguém, a uma comunidade. Isto implica em respeitar a caminhada já feita, em inserir-se num contexto já existente. Não nos interessa no entanto, neste relato, a questão do nome da paróquia em si, nem tanto de sua história. Estes elementos nos serão úteis na medida em que nos ajudarem a refletir sobre o presente e a descobrir pistas concretas de ação no hoje das comunidades. Nosso interesse aumenta quando falamos da instituição jurídica, com sua estrutura, seus serviços e seu modo de agir e ser. Agora, no entanto, procuramos relatar a experiência de uma paróquia enquanto comunidade dos que creem, dos que se sabem "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5,13ss), corresponsáveis na tarefa da construção do Reino.

Embora seja importante esclarecer conceitos, acreditamos que a maioria deles, pelo menos teoricamente, já são unanimidade no pensar e, esperamos, no ser e agir pastoral de nossas comunidades paroquiais. Por isso, depois desta rápida pincelada sobre o termo paróquia, vamos deixar algum conceito relativo ao que seja pastoral.

3. O QUE É PASTORAL?

O específico da Igreja, na sua missão de levar ao homem a Boa Nova do Reino, será conduzi-lo à vivência e ao testemunho deste Reino, na espera ansiosa da manifestação do Senhor. Na verdade, a pastoral não poderá ser reduzida apenas a objeto de pesquisas e estudos. Enquanto elo irradiador e integrador de todas as ciências teológicas, a pastoral orienta e ilumina a ação salvífica que a Igreja

é chamada a fazer no decorrer da história.

A Bíblia nos mostra que, antes de falar de Deus, o povo falava com Deus. A preocupação básica não era tanto saber quem é Deus, mas a consciência da presença de Deus, junto a seu povo, como aquele que faz, que atua. Antes de falar de Deus, a Bíblia nos mostra a ação de Deus junto a seu povo. Deus mesmo se revela como aquele que age, que é presença ativa na vida do povo (Ex 3,7ss). O Salmo 23 nos lembra que Deus é o pastor de Israel e o povo é seu rebanho. Jesus, nos evangelhos, se apresenta como o bom pastor (Jo 10), que ama e cuida de suas ovelhas (Mt 15,24). O apóstolo, seguidor de Jesus Cristo, recebeu a missão de anunciar a todos os povos a Boa Nova do Reino (Mt 28, 16-20).

Da história da Igreja, nos interessa mais proximamente o que ocorreu no Concílio Vaticano II, definido pelo Papa João XXIII como eminentemente pastoral. Os Padres conciliares, na sua Mensagem à Humanidade, proclamaram: "Procuraremos apresentar aos homens de nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus de tal maneira que eles a possam compreender e a ele espontaneamente assentir. Pois, somos Pastores. . ." (3)

O Concílio amplia o sentido de pastoral sobretudo de dois modos: 1) Não o restringe à ação dos assim chamados pastores, mas nela envolve também os leigos. Estes deixam de ser objetos passivos da ação pastoral, tornando-se sujeitos ativos desta ação. 2) Não a entende somente como ação para a construção da Igreja; mas como ação para fora da comunidade eclesial, na busca do diálogo e do relacionamento com o mundo contemporâneo.

Cinco sentidos que a palavra pastoral adquire nos documentos conciliares

Pe. A. Antoniazzi (4) salienta cinco sentidos que a palavra *pastoral* adquire nos documentos conciliares:

1. *Lumen Géntium* 27: indica o ministério dos pastores ou o que diz respeito à ação deles.
2. *Apostólicam Actuositatem* 20: atividade ou atuação de que os leigos também participam.
3. *Presbyterorum Ordinis* 13-17: Atitude pessoal do pastor, realçando o fim pastoral de toda a sua formação.
4. *Ad Géntes* 16: Indica a especial atenção às condições da Igreja e às necessidades atuais do povo cristão.
5. Enfim, a finalidade do próprio Concílio é pastoral (P. 0. 12, L. G. 51), e a *Gáudium et Spes* intitula-se *Constituição Pastoral*.

Continuando seu artigo citado, Pe. Antoniazzi afirma ainda que, "apesar dos seus diversos sentidos, existem três tendências que continuam o Concílio e o seu programa pastoral:

a) Maior aproximação entre pastores e fiéis, especialmente participação nas decisões comuns e na descoberta de que somos todos membros da Igreja e que, por isso, devemos exercer alguma forma de ministério.

b) Menor separação entre mundo e Igreja.

c) Maior atenção à historicidade, às condições atuais e mutáveis do homem.

Destas colocações todas, se deduz que a pastoral envolve uma série de elementos, que devem ser considerados em seu todo.

Convém, ainda que seja apenas lembrando, citar a importância das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. Em Medellín, na II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, os bispos fazem opção por uma pastoral da libertação integral do homem. "Não basta certamente refletir, conseguir mais clarividência e falar. É necessário agir. A hora atual não deixou de ser a hora da 'palavra', mas já se tornou, com dramática urgência, a hora da ação. . .

Nós, cristãos, não podemos, com efeito, deixar de pressentir a presença de Deus, que quer salvar o homem inteiro, alma e corpo" (5).

Esta Igreja do povo é o lugar de reconciliação entre o catolicismo dos pastores e o catolicismo dos pobres

A situação detectada no Continente Latino-Americano provoca e convoca a Igreja para novos desafios e compromissos, estabelecendo um novo caminho pastoral. Nasce então uma Igreja do povo, dos pobres e dos excluídos. No dizer de Segundo Galilea, "a Comunidade Eclesial de Base, na América Latina, é a Igreja dos pobres, porque se desenvolveu sobretudo nos ambientes populares. Por conseguinte, temos uma pastoral que se afirma em meios pobres. Esta Igreja do povo é o lugar de reconciliação entre o catolicismo dos pastores e o catolicismo dos pobres" (6).

Em Puebla, por sua vez, toda a expectativa é centrada na atitude que a Igreja-instituição tomaria diante do florescimento de um novo modo de exercer a pastoral pós Medellín. Os próprios pastores expressam sua esperança, quando afirmam, em documento preparatório à conferência: "Os bispos do Brasil esperam de Puebla que saiba assumir a realidade da América Latina, sobretudo em sua evolução nos últimos 10 anos: partindo de Medellín e mantendo o seu espírito, que saiba discernir esta realidade à luz do Evangelho e que saiba corajosamente indicar pistas para a caminhada pastoral futura" (7).

A observação do conjunto das atitudes de preparação, realização e aplicação do Documento de Puebla, nos permitem observar que esta conferência foi eminentemente pastoral. O curso da ação eclesial latino-americana é dado com orientações precisas e concretas, com opções preferenciais e prioridades definidas.

Dito isto, após estas rápidas pinceladas sobre o que é paróquia e pastoral, passaremos a narrar como se faz pastoral na comunidade paroquial em que atuamos. Não há neste relato a mínima intenção em apresentarmos esta comunidade como modelo. Objetivamos, isto sim, criar condições de reflexão e de surgimento de atitudes pastorais novas.

4. CONSULTANDO A HISTÓRIA.

A Paróquia de Santo Antônio e Santa Maria Goretti, da Coloninha, foi criada a 05 de janeiro de 1979, tendo seu território desmembrado da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e Santa Terezinha, do Estreito. Antes disso, no entanto, uma longa caminhada já se tinha feito. O ano de 1985 marcou a celebração do jubileu de prata de vida eclesial da comunidade da Coloninha. Nessa ocasião foi escrito um pequeno livro, chamado "E a Semente Brotou", onde se descreve a história da comunidade. É desta obra que tiramos as informações desta rápida resenha.

Acredita-se que o início da ocupação da hoje chamada Coloninha, deu-se no século passado. O primeiro núcleo de moradores aglutinou-se no morro onde hoje se situa a Escola Básica Otília Cruz. Constituíam-se num aglomerado de pouco mais de uma dezena de casas, construídas em terras devolutas. As casas eram rústicas, construídas de estuque, cobertas de palha e com chão batido.

A pecuária era praticada com intensidade, especialmente na área ainda hoje conhecida como Pasto do Gado onde, além de criar, fazia-se a engorda do gado bovino.

Consta ainda que a vegetação era densa, onde se caçavam muitas aves. Nos riachos, hoje transformados em bueiros e esgotos, pescava-se muito jundiá, cará e traíras.

A ocupação recente acentuou-se a partir de 1940. Sabe-se que nesse período desenvolviam-se atividades rurais típicas da capital. Cultivava-se, para consumo próprio, feijão, milho, frutas e, para comercialização, mandioca, cana-de-açúcar, café e amendoim. Havia pequenos engenhos de açúcar grosso e mandioca para beneficiamento da produção dos vários agricultores da região.

Com o processo de urbanização que foi se manifestando em Florianópolis, muitos moradores da Coloninha, especialmente os mais novos, passaram a trabalhar em diversas atividades no centro da cidade, ficando a agricultura por conta dos mais velhos, já fixados na área.

O inchaço urbano que tomou conta de Florianópolis, nos últimos anos, gerou a ocupação das extensas áreas periféricas da capital, fazendo surgir no continente uma nova Florianópolis tipicamente dormitório.

A Coloninha insere-se neste processo de crescimento desordenado e rápido, que tomou conta de Florianópolis, nos últimos 25 anos.

As grandes propriedades existentes na Coloninha foram, aos poucos, dando lugar a loteamentos. Alguns, melhor estruturados; outros, limitados a simples aberturas de ruas.

Desta fase recente surgiram os seguintes aglomerados: Jardim Panorama, Vila São João, Bairro de Fátima, Monte Cristo, Nossa Senhora das Neves, Promorar e outros.

5. ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Encravada no coração da parte continental do município de Florianópolis, a Paróquia da Coloninha, hoje, transcende em muito o que foi o núcleo original da ocupação de seu solo. As localidades da comunidade como um todo, somam mais de 3200 famílias, o que nos permite calcular em, pelo menos, 16000 o número de seus habitantes.

A população é bastante heterogênea, tanto em relação à cor, quanto à procedência. Apresenta características semelhantes a outros núcleos da capital, de formação recente, com a maior parte de seus moradores procedentes das áreas rurais dos municípios próximos. O êxodo rural que se acentuou nos municípios da região serrana de Santa

Catarina, obrigou o deslocamento de muitas famílias, em busca de melhores condições de vida. Assim é que, na área da Paróquia, há muitas pessoas e famílias originárias dos municípios de Lages, São Joaquim, Campos Novos, Curitiba, Urubici, Bom Retiro e outros.

Entre a população, registra-se a presença majoritária dos jovens com menos de 18 anos.

A população, em sua maioria, é formada por assalariados, de baixo poder aquisitivo, subempregados e desempregados. No perímetro da Paróquia, as atividades econômicas se reduzem ao pequeno comércio varejista e pequenas oficinas de fundo de quintal. Grande parte da população, especialmente os mais carentes, vivem das atividades chamadas "bicos", de peso significativo na subsistência das famílias. A Coloninha é uma das regiões mais pobres de Florianópolis, com várias favelas, onde vivem centenas de pessoas nas mais difíceis condições de sobrevivência.

Observa-se ainda um contraste. Ao lado dos subempregados, comerciários e autônomos, há os funcionários públicos semigraduados, que já apresentam um padrão de vida mais elevado e de maior conforto.

Drogas, promiscuidade, roubos, famílias incompletas e irregulares, fazem parte do dia-a-dia da comunidade

No quadro social e econômico apresentado, é fácil imaginar que não são poucos os problemas. Drogas, promiscuidade, roubos, famílias incompletas e irregulares, fazem parte do dia-a-dia da comunidade.

As escolas situadas no território da Paróquia são apenas duas, insuficientes para atender as necessidades da demanda escolar da comunidade.

Existem ainda outras instituições na comunidade, como o Centro Social Urbano, o 7º Batalhão de Polícia Militar, a Escola de Samba "Unidos da Coloninha" e o Clube Recreativo "Bairro de Fátima".

6. ASPECTOS RELIGIOSOS. CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

A religião predominante é a católica. Outras religiões estão com templos estabelecidos na área paroquial. Destacam-se especialmente as afro-brasileiras, como Umbanda, Quimbanda e Candomblé, com grande número de adeptos. Há ainda outras religiões estabelecidas no território paroquial, como: Igreja Metodista, Adventista, Presbiteriana, Assembléia de Deus, Batista Bíblica, Congregacional e outras.

As atividades religiosas na Coloninha acentuam-se a partir de 1958, quando se iniciou um trabalho de Catequese na área. Até esta época, essas atividades assemelhavam-se muito ao praticado nas demais áreas rurais do Brasil na época. O povo indo à Igreja somente nos dias de festa, alguns totalmente desligados de qualquer sentimento religioso.

Segundo os moradores mais antigos, era comum rezar-

se o terço e novenas nas casas de particulares, quando se fazia a confraternização dos moradores.

A Coloninha dos anos 50 era vista com receios, pois se dizia que aí vivia muita gente perigosa. Os Congregados Marianos e as Irmãs Salvatorianas que se dispunham a fazer um trabalho de evangelização da área, chegavam com certo receio, logo desfeito pela acolhida que tinham.

A ação evangelizadora foi desenvolvida com grande dedicação e carinho, conseguindo através da Catequese um envolvimento significativo da comunidade nas atividades religiosas. Em alguns momentos foi necessário usar a criatividade para envolver a comunidade.

A ato que praticamente inaugurou e deu renovado ímpeto à ação evangelizadora foi a realização, em 18 de outubro de 1959, da cerimônia de Primeira Comunhão, com a participação de 55 crianças. Os estímulos gerados pela ação evangelizadora motivaram a população da área da Coloninha, que se mobilizou em torno da construção de uma capela. A 19 de junho de 1960, foi celebrada a Primeira Missa no terreno onde hoje se situa a sede da Paróquia. O evento foi celebrado pelo Pe. Quinto David Baldessar, então Vigário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, do Estreito.

No dia 27 de abril de 1962, com grande festa, foi inaugurada a Capela de Santo Antônio e Santa Maria Goretti. Faziam-se já então as mais diferentes atividades típicas de uma comunidade em início de trabalhos. Crismas, Primeiras Eucaristias, festas dos Padroeiros e celebrações de Missas eram as atividades comuns e constantes.

Com o envolvimento maior da comunidade e seu natural crescimento, percebeu-se a necessidade da construção de um templo em melhores condições e mais espaço para abrigar os fiéis. Em 1968 já se mobilizava a comunidade na direção da construção de uma Igreja mais ampla, que atendesse a estas necessidades. A construção da Igreja Matriz da Paróquia de Santo Antônio e Santa Maria Goretti, foi lenta, sofrendo paralisações ao longo dos 10 anos que durou sua construção, desde a reunião das associações da Capela, até a inauguração em 17 de outubro de 1978.

Construída a nova Igreja e, respondendo às tendências e simpatias, percebia-se que as condições mínimas para a criação da Paróquia já existiam. A comunidade da Coloninha queria ser Paróquia e estava pastoralmente preparada para tal.

No dia 05 de janeiro de 1979, tornava-se realidade o sonho dos moradores da Coloninha. No dito dia foi oficialmente criada a Paróquia de Santo Antônio e Santa Maria Goretti, através de decreto Arquidiocesano, assinado por D. Afonso Nihues, Arcebispo Metropolitano.

No dia 07 de janeiro de 1979, às 19h30min, foi realizada a cerimônia de instalação oficial da Paróquia, com grande concorrência popular e vibração. Nesta ocasião, assumiu os encargos pastorais da nova Paróquia o seu Pároco, Frei Florêncio Gelain. A comunidade paroquial experimenta um novo dinamismo na sua ação pastoral.

Convém lembrar a presença das Irmãs Salvatorianas, presentes desde os impulsos iniciais da vida eclesial da comunidade, colaborando decisivamente no despertar do sentimento religioso do povo da Coloninha. Ainda hoje a Congregação das Irmãs Salvatorianas mantém uma casa na comunidade, colaborando nos serviços pastorais.

Atualmente, na Paróquia, mora um grupo de Irmãs Maristas, que aí mantém um Noviciado e um Postulantado. É a segunda comunidade desta Congregação estabelecida no Brasil. Fixaram-se na Coloninha a partir de 15 de março

de 1980, participando desde então da vida da Paróquia.

Aos 16 de janeiro de 1981 foi designado o novo Pároco da comunidade, em função da morte de seu primeiro Pároco, Frei Florêncio. Dotado de uma visão de Igreja Participativa, procurou desde o início desenvolver este espírito entre seus paroquianos estimulando a formação de diferentes equipes de trabalho, que passaram a agilizar os diversos setores de ação pastoral. Pe. Manoel João Francisco, então também professor no ITESC, foi o grande dinamizador da atividade eclesial na comunidade da Coloninha.

Sensível aos problemas da comunidade da Coloninha, buscou, de maneira imparcial, desenvolver o trabalho pastoral calcado na responsabilidade e voltado para a comunidade. Organizou na Paróquia 6 Comunidades Eclesiais de Base que, sob a orientação de uma equipe central, exerceram com liberdade as ações pastorais nuclearizadas.

Um dos mais intensos momentos da vida eclesial da comunidade da Coloninha aconteceu certamente no ano de 1984 quando, além da rotina paroquial nos mais diversos serviços e atividades, aconteceram as Santas Missões populares, a cargo de um grupo de missionários Redentoristas. Este evento constituiu-se num grande incentivador da vida eclesial. Muitos foram os Grupos de Reflexão surgidos nessa época. O dinamismo paroquial mesmo foi acentuado, rendendo preciosos frutos para a comunidade.

Depois de quatro anos de bons serviços prestados à comunidade, Pe. Manoel João Francisco foi transferido para a Paróquia de Camboriú. Era designado para paróquia a comunidade o Pe. Roberto Fritzen, que vinha transferido da Paróquia da Agrônômica. Pe. Roberto permaneceu na comunidade apenas por dois anos, procurando ampliar a ação pastoral iniciada por seu antecessor.

O início do ano de 1987 marcou uma surpresa para a comunidade. Houve uma troca de Párcos entre Itajaí e Coloninha. Pe. Roberto foi transferido para a Paróquia do Santíssimo Sacramento, em Itajaí, como Vigário Paroquial, e o então Vigário Paroquial daquela comunidade era designado para trabalhar na Coloninha como Pároco, Pe. Luiz Prim.

Início aqui o relato pessoal de minha própria experiência como Pároco. Depois de ordenado, aos 19 de novembro de 1983, fiquei três anos na Paróquia do Santíssimo Sacramento, em Itajaí. Minha transferência e nomeação para a Paróquia da Coloninha me surpreenderam, pois que aconteceu no pequeno espaço de um mês. Conhecia já, por fora, o trabalho eclesial desenvolvido na comunidade da Coloninha, fruto das conversas informais nos encontros entre os padres. Era também minha primeira experiência como Pároco, o que me enchia de temor e, ao mesmo tempo, de coragem.

Procuramos agilizar e dar força ao Conselho de Pastoral Paroquial — CPP, e fazer, a partir dele, a caminhada da ação eclesial

7. A VIDA PASTORAL A PARTIR DE 1987.

Chegando à comunidade, procurei observar seus múltiplos aspectos, sobretudo respeitando a caminhada já feita.

Acredito que a adaptação do novo pároco à paróquia e da paróquia ao novo pároco fez-se num quadro de normalidade. Os espíritos estavam desarmados e prontos para o serviço. Acompanhando os mais diversos grupos e segmentos de pastoral, percebi a grande vontade de caminhar, de trabalhar e de ser Igreja, deste povo. Ao mesmo tempo, percebemos que faltava um organismo capaz de refletir, assessorar e propor a ação pastoral na comunidade. Assim, de início, procuramos agilizar e dar força ao Conselho de Pastoral Paroquial — CPP, e fazer, a partir dele, a caminhada da ação eclesial. Concluímos juntos pela necessidade de um pequeno estatuto que registrasse algumas normas e diretrizes da ação do próprio CPP. Dele fazem parte um representante de cada grupo de trabalho e/ou segmento de pastoral da comunidade, além dos coordenadores das comunidades, de representantes das casas religiosas na comunidade e, é claro, o padre, reunindo-se mensalmente. O CPP tem uma pequena equipe de coordenação, que prepara e agiliza suas reuniões.

Percebemos de início que o termo “comunidades” aplicado às 6 áreas da paróquia não estava bem empregado, pois que provocava alguma confusão e ainda não se tratavam, efetivamente, de Comunidades Eclesiais de Base. Precisamos ainda caminhar muito para chegar até lá. Hoje, as comunidades são chamadas de “áreas” e foram acrescentadas mais três áreas às 6 originais: Monte Cristo, Promorar e Nossa Senhora Aparecida. Todos os segmentos de pastoral e grupos de serviço caminham a partir das reflexões, sugestões e co-participação do Conselho de Pastoral Paroquial.

Os Grupos de Reflexão foram sempre uma das características da vida eclesial da comunidade da Coloninha e, por motivos não bem conhecidos e analisados, sofreram um decréscimo significativo. Através do CPP, orientando os coordenadores de área, procuramos agilizá-los novamente. Neste sentido, uma das decisões da Assembléia de Pastoral, no ano de 1987, foi que deveríamos providenciar material próprio para os grupos, já que o “Bíblia Gente” não se mostrava suficiente e se mostrava um pouco distante dos reais problemas a serem refletidos pela comunidade e na metodologia que propunha. Uma equipe assumiu a tarefa de criar este material, o que não se mostrou fácil. Depois de angustiantes meses sem percebermos como superar este impasse, pois não tínhamos condições materiais para executar a tarefa, nos associamos à Paróquia de Capoeiras, vizinha à nossa e com uma caminhada semelhante. Hoje os grupos, aos poucos, vão se reanimando. Contamos com aproximadamente 50 grupos em funcionamento.

Os quatro grupos de jovens caminhavam desarticulados e, até com alguma rivalidade entre eles. Propusemos, então, a criação de uma Coordenação Paroquial da Pastoral da Juventude. Também esta não foi uma tarefa fácil. Pensava-se, de início, que a coordenação se constituiria num “supergrupo” a mandar nos outros. Além disso, caminhavam isolados da coordenação Comarcal e Arquidiocesana. Hoje, a Pastoral da Juventude experimenta altos e baixos na sua caminhada, mas caminha.

Pastoral da Saúde, Pastoral do Menor, Pastoral Litúrgica e indícios de uma Pastoral da Mulher, além de tudo o que é característico de uma comunidade eclesial, se fazem presentes na Coloninha. Há um potencial muito grande a ser explorado e desenvolvido. As limitações de ordem pessoal de cada membro e limitações materiais da própria comunidade, não podem impedir a caminhada.

8. CONCLUINDO.

A história da comunidade da Coloninha retrata bem as mudanças no aspecto urbano de Florianópolis e de sua periferia. O que se registra são fatos que testemunham como uma comunidade, a par de suas limitações materiais, soube com muita luta, trabalho e perseverança, edificar uma Igreja viva. O referencial da vida de Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, também foi radicalmente alterado. Busca-se hoje, cada vez mais, uma Igreja de Comunhão e Participação onde todos, por força do Batismo, Sacramento constitutivo do Povo de Deus, nos irmanamos na construção do Reino.

A comunidade apresenta ainda muitos desafios a ser iluminados e respondidos pela fé. Iniciamos agora um trabalho específico sobre a questão das drogas, formando um grupo de apoio para o serviço, associados ao “Movimento Porta Aberta”.⁽⁸⁾ Neste sentido, já colhemos alguns e preciosos frutos, promissores de um bom testemunho cristão para o futuro. A marginalização crescente das periferias, com o processo de favelamento, é outro dos mais urgentes desafios a serem constantemente assumidos. A Pastoral da Mulher e dos Subempregados deverá constituir-se em outra característica significativa da comunidade.

Uma das mais bonitas marcas da atual caminhada é o reaquecimento da Pastoral Vocacional

Uma das mais bonitas marcas da atual caminhada é o reaquecimento da Pastoral Vocacional. Temos hoje vocações à vida sacerdotal e religiosa. O grupo “Buscando Caminhos” vem dinamizando esta questão. Espero que ela permaneça como um dos belos sinais da vida eclesial da comunidade.

Outro aspecto importante da nossa atividade, chamada de Pastoral do acolhimento. Há um clima geral de aceitação e amizade na comunidade. Este dado permeia toda a atividade eclesial, permeando de amor e dedicação todas as atitudes tomadas.

Encerrando, cabe deixar registrada a gratidão e o carinho pelos batalhadores do passado e do presente, que construíram esta comunidade.

Nossos acertos nos levam a louvar a Deus por sua bondade para conosco. Temos consciência de algumas de nossas dificuldades. A tarefa da construção do Reino é árdua, porém compensadora.

“Vós sois o sal da terra. . .

Vos sois a luz do mundo.” (Mt 5, 13-14)

NOTAS

(1) DELLA GIUSTINA, Elias, “A Paróquia renovada”, Ed. Paulinas, SP, 1986, 160 pp.

(2) Op. cit., p. 34.

(3) *Compêndio do Vaticano II*, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1968, p. 8.

(4) ANTONIAZZI, Alberto, "O que é pastoral", art. in "Atualização", 1983, pp. 3-18.

(5) *Conclusões de Medellín*, Ed. Metrópole, Porto Alegre, RS, 1968, pp. 5-6.

(6) GALILEA, Segundo, "Aonde vai a pastoral?", Ed. Paulina, SP, 1975, p. 72.

(7) *Subsídios para Puebla*, n.º 1, Ed. Paulinas, SP, 1978.

(8) O "Movimento Porta Aberta" é uma instituição de ajuda criada aqui em Florianópolis pelo Pe. Evaristo Debiasi e Dr. Bruno Schlemper, por inspiração do falecido Pe. Paulo Bratti (+ 1982), então Diretor do ITESC, e atendendo desde então

junto à igreja de Santo Antônio, dos Padres Franciscanos, no centro da capital. Casos de problemas conjugais e pessoais e, ultimamente, casos de jovens envolvidos com drogas, são atendidos, na medida do possível.

Endereço do autor:

Casa Paroquial

Rua Sta. Rita de Cássia, 129

88090 — Coloninha — Fpolis — SC

MÍSTICA E POLÍTICA

FLASHES SOBRE A QUINTA ASSEMBLÉIA ANUAL DA SOTER

Pe. Vitor Galdino Feller
Professor de Teologia Dogmática

Reunidos em Vitória, ES, nos dias 4 a 9 de julho p.p., mais de 100 teólogos e teólogas membros da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), refletiram sobre o binômio "Mística e Política", de interesse renovado neste ano eleitoral. Trago aqui alguns flashes desse Encontro, com o intuito único de partilhar os temas aí debatidos e abrir pistas para uma reflexão sobre o assunto, em nível catarinense.

1. Leonardo BOFF discorreu sobre *Mística e Política: fundamentação histórico-sistemática*. Iniciou manifestando a urgência de se refletir sobre a relação entre mística e política partidária, que é onde surgem os conflitos, onde os militantes carecem de acompanhamento. Após uma rápida retrospectiva sobre a história da filosofia política, no eixo da política vista como campo do poder e jogo de interesses, entrou na relação "ética e política", fazendo a pergunta: Como se situam os cristãos na política? Respondeu do seguinte modo: Quase sempre estiveram no poder, só ultimamente surgindo os cristãos revolucionários, os quais vêem na política uma mediação para a construção do Reino de Deus, descobrindo na sua fé impulsos para uma virtude política.

A partir dessa maneira nova de atuar na política, surgem três cristalizações dos lugares onde os grupos de massa (que querem ser povo) atuam: movimentos sociais-eleisais, sindicatos, partidos. Nesses três lugares-chaves surgem *três níveis de utopia*: utopia mínima (condições de reprodução e distribuição da vida, justiça social: o desafio da sociedade brasileira), utopia maior (revolução econômica, política, cultural, eclesial, etc.: socialismo democrático), e utopia máxima (realização da vocação humana, a nível pessoal e relacional). Os três níveis se dão num processo que integra fins e meios, onde as utopias seguintes, ao mesmo tempo que necessitam da realização das utopias primeiras, incentivam-nas, criticam-nas e as criam. Lembrou então que a sociedade brasileira não alcançou sequer a utopia mínima, e que os países do Atlântico norte, tendo alcançado a utopia maior, não se abriram à utopia máxima. . .

Em seguida expôs os dois eixos de uma mística cristã

comprometida com a política: a mística do seguimento de Jesus (atualizando no contexto de hoje a prática de Jesus como ser humano completo, com seus sonhos, lutas, relações, opções, causas: a partir dos pobres, em conflito com o anti-Reino, morto por motivos políticos, ressuscitado como insurreição contra essa "ordem" . . .) e a mística do Reino de Deus na história (na criação de realizações e relações de vida para os que não a têm, dentro da Igreja mas também fora, como mística do poder para fortalecer o poder do mais fraco, na convicção de trabalhar pela vontade e pela força de Deus).

Finalmente, apresentou alguns momentos de *alimentação da mística política*: celebração da vida e da esperança, evitando a crise da orfandade dos militantes (não-aceitos nas comunidades, porque políticos partidários; não-aceitos no partido, porque "igrejeiros"); celebração da reconciliação e da revisão de vida (análise da boa fé e experiência do perdão ao pecador político); formação de uma prática política da fé (não de princípios para serem aplicados, mas prática na política; necessidade de escolas de formação da Igreja para esse setor); criação do "Movimento Fé e Política" (aliás, lançado durante o Encontro), em que os militantes possam buscar assessoria teológica e se produzam textos para reflexão.

A fé como espaço do consenso e a política como espaço do conflito

Concluindo, falou da fé como espaço do consenso e da política como espaço do conflito, sendo que os dois são inseparáveis, para se evitarem tanto as mistificações como os interessismos. Falou ainda da fé como arte do impossível, e da política como arte do possível, arrematando: só quem tenta o impossível consegue realizar o possível.

2. Sugestiva colocação foi a de Marcelo de BARROS